# revista D+

DIVERSIDADE E DIFERENÇA

**O AUTISMO**

Novo Caderno de Educação
estreia com as melhores
experiências de ensino

**MICROCEFALIA X ABORTO**

Você é contra ou a favor?
O feto com deficiência no
epicentro da discussão

**RESPEITO ÀS DIFERENÇAS**

Visitamos a multinacional Novartis
para conferir a acessibilidade
e as práticas inclusivas

mais editora
NÚMERO 03 • PREÇO: R$ 15,90
ISSN 2358-5625

# #SomosTodasProtagonistas

A mulher com deficiência numa sociedade preconceituosa: conheça a história
de sete mulheres que tomaram as rédeas de suas próprias vidas

*Edição Especial de Aniversário*

# #SomosTodasProtagonistas

Adriana Poci Cabral, Larissa do Nascimento, Mila Poci Cabral, Myla Rzezak, Sueli Satow, Suzete Yazaki Yamashiro e Thays Martinez. Sete mulheres que assumiram o papel principal em suas próprias vidas
*(e pode o mundo pensar o que bem quiser)*

Entrevistas **Mariana Santos** Texto **Taís Lambert**
Fotografia **Marcelo Spatafora** Assistência de fotografia **Andrezza Silva**

*"Eu gosto de me maquiar, acho que é um aspecto lúdico da vida. Uma das coisas mais marcantes da escola foi uma borboleta: a professora contornou o desenho com barbante e, então, era só eu pintar lá dentro. Para mim, aquilo foi o máximo, porque eu estava fazendo a mesma coisa que os meus colegas. Tem muita gente que defende que uma criança cega não precisa aprender a pintar. Eu acho que hoje, graças àquela borboleta, consigo lidar com a maquiagem."*

*Thays Martinez é advogada e analista no setor de precatórios do Tribunal Regional do Trabalho, tem 42 anos e é cega desde os 4. Chegou ao estúdio para a sessão de fotos dessa reportagem com o seu cão guia, o Diesel, e claro, maquiada. "Não seria melhor retocar? Eu esqueci de passar sombra!", disse. Sentei-me com ela no sofá e, de sua bolsa, foi tirando algumas sombras, máscara para cílios e blush.*

*Assim que terminei de maquiá-la, fui pegando as coisas e entregando nas mãos dela: "Aqui estão seu batom, blush e suas sombras". Ela os pegou e rebateu: "Batom, não. Máscara para cílios, você quer dizer!". Caímos na risada! Eu que enxergo, não vi. Pensei comigo: "Isso aqui vai render..."*

**Thays Martinez**

**Formação**
Direito

**Idade**
42 anos

**Tem**
Cegueira

**Convive com a deficiência**
Desde os 4 anos

**Ama**
Ler ficção, comportamento e todas as histórias do Harry Potter

**Fez e aconteceu**
Criou o Instituto Iris para facilitar o acesso dos brasileiros aos cães guias

Segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 25.800.681 mulheres têm algum tipo de deficiência. Isso corresponde a 26,5% do total das mulheres brasileiras. Dentre as pessoas com deficiência, 43,5% são do sexo masculino e 56,5% do feminino.

Sabe-se que ser mulher em uma sociedade machista e patriarcal não é tarefa das mais fáceis. Ser mulher e ter deficiência faz do caminho algo ainda mais tortuoso e repleto de obstáculos. O estigma da inferioridade insiste em lançá-las numa vala comum: a da incapacidade, da não realização e, por vezes, da invisibilidade, tão forte é a negligência e o preconceito.

"A discriminação é gritante não apenas em nossa sociedade, mas em todo o mundo. A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em seu artigo sexto, traz a afirmação de que os Estados reconhecem que mulheres e meninas com deficiência são alvos de múltiplos preconceitos, por serem mulheres e por terem uma deficiência", ressalta Elane Lemos Ozores, psicóloga especialista no atendimento à pessoa com deficiência e diretora de gestão da ONG Entre Rodas & Batom.

Thays Martinez, que também é presidente do Instituto Iris, palestrante e autora do livro ***Minha Vida com Boris***, seu primeiro cão guia (ela foi a primeira brasileira a ter um), acredita que as leis são importantes, mas não resolvem as coisas por si só. "Melhor seria se os parlamentares cumprissem o seu papel de fiscalizar, de exigir o cumprimento das políticas públicas. Já temos leis suficientes, a Constituição proíbe qualquer tipo de diferenciação entre homens e mulheres. Mas, na prática, o próprio judiciário ainda precisa ser um pouco mais vanguardista".

> Eu me vejo como mulher, advogada, alguém envolvida em uma relação estável, tia, amiga, empreendedora. Dentre todas essas coisas existe uma questão na minha vida que é a deficiência visual. "

Ela sabe do que fala. Em seu livro, Thays conta a batalha de seis anos que travou contra o Metrô de São Paulo para que aceitassem cães guias nas estações. O Iris pressionou as autoridades para que leis nesse sentido fossem aprovadas: uma lei estadual em 2002 e uma federal em 2005. Esse foi um marco histórico na conquista de direitos para as pessoas com deficiência visual. "Um funcionário desligou a escada em que o Boris e eu estávamos e quase caímos. Foi uma grande surpresa, porque eu não imaginava que eles pudessem chegar a esse ponto. Foi um tipo de violência", desabafa.

## ALÉM DO QUE OS OLHOS PODEM VER

Até hoje, Sueli Satow ainda passa por situações "ridículas", como ela mesma diz. Quando, por exemplo, em consultórios médicos, eles perguntam tudo o que ela tem e quais medicamentos toma... para a mãe dela. As balconistas das lojas perguntam o que ela quer comprar e qual o tamanho... para a mãe dela. Às vezes, tratam-na como criança.

Sueli, de 63 anos, tem paralisia cerebral do tipo atetóide, moderada. "Todo o meu corpo foi afetado, mas o lado esquerdo é o mais avariado. Minha fala era muitíssimo pior do que agora", conta.

No entanto, é preciso dizer aos incautos que Sueli Satow, além de ser capaz de dizer o que tem, que remédios toma, que roupa quer comprar e que número usa, também é formada em Filosofia e em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É mestre e doutora em Psicologia Social pela mesma instituição e expert em inclusão de pessoas com deficiência pela Universidade de Salamanca, na Espanha. Ah, sim, ela também é autora de dois livros: *Paralisado cerebral: construção da identidade na inclusão* e *Memórias de uma incluída pela exclusão*.

**Sueli Satow**

**Formação**
Comunicação Social e Filosofia

**Idade**
63 anos

**Tem**
Paralisia cerebral

**Convive com a deficiência**
Desde o nascimento

**Ama**
A vida, os pais, os amigos e conversar

**Fez e aconteceu**
Escreveu dois livros, milita pelas causas das pessoas com deficiência desde 1980 e conseguiu o primeiro banheiro adaptado da PUC-SP

> Quando eu tinha 3 anos, minha avó paterna sugeriu que me internassem em uma instituição para crianças com deficiência intelectual. Daquelas "instituições-depósito". Minha mãe só me contou quando eu estava fazendo o doutorado. Percebi a sorte que tive em ter a mãe que tenho. Ela me incentivou ao máximo nas minhas capacidades intelectuais e físicas

**Adriana e Mila Poci Cabral**

**Formação**
Adriana: Artes Plásticas
Mila: Teatro

**Têm**
Nanismo
1,24m e 1,18m

**Ama**
Adriana: pintura e natação
Mila: escrever e falar

**Idade**
50 e 47 anos, respectivamente

**Convivem com a deficiência**
Desde o nascimento

**Fez e aconteceu**
Criaram um negócio exclusivo: lojas de miniaturas

Ño supermercado eu peço a ajuda das pessoas, por exemplo, para pegar um pacote de macarrão no alto. Outro dia eu pedi para um rapaz no mercadinho aqui perto e quando ele se virou, era o Fábio Júnior! Ele perguntou: 'Que sabor você quer?'. Eu respondi: 'Galinha caipira', suspirando! **Adriana**

"As mulheres com paralisia cerebral não passam despercebidas nem quando estão sentadas numa cadeira comum, o que pode tranquilamente acontecer com uma cadeirante", afirma. "Então, somos ainda mais excluídas. A nossa imagem é diferente, até bizarra, porque nossos corpos e faces, conforme as sequelas, são distorcidos pelos espasmos e movimentos involuntários. Somos mulheres, temos deficiência e esta é a paralisia cerebral: somos triplamente rebaixadas".

Sueli diz ter sido muito beneficiada pela psicoterapia: "Ajudou-me a ver a minha identidade. O tratamento me deu a chance de me aceitar como paralisada cerebral, além de forças para continuar vivendo e para lutar contra as adversidades, que são muitas".

O processo de empoderamento das mulheres, com e sem deficiência, inevitavelmente passa pelo amadurecimento emocional. "Isso acontece em três fases: autoconhecimento, autorrespeito e autoestima", enumera Eliane Lemos Ozores. "Não se conhecer é se ver aprisionada às expectativas dos outros. Não podemos permitir que alimentem nossas crenças a respeito daquilo que podemos ou não podemos ser. É preciso sentir-se bem com sua identidade, seu corpo e seus desejos. Não tem mágica: é amadurecimento, é fazer as pazes consigo mesma", enfatiza.

Muitas pessoas, quando veem meu namorado, que também é anão, e eu de mãos dadas no shopping, dizem: 'Olha, que fofinhos!'. Descobrir minha 'fofura' foi até uma conquista para mim, porque sou muito brava! É fofinho mesmo! **Mila**

**Suzete Yasaki Yamashiro**

**Formação**
Odontologia

**Idade**
44 anos

**Deficiência**
Amputação do braço esquerdo

**Convive com a deficiência**
Desde os 34 anos

**Ama**
A filha Stella, de 11 anos

**Fez e aconteceu**
Representou o Brasil, pela AACD, no I Simpósio das Atletas com Deficiência do Nado Sincronizado, em Taiwan. A medalha vem de lá. Em breve competirá no Japão, ao lado da filha

## QUANDO A MELHOR SAÍDA É CUIDAR DO PRÓPRIO NARIZ

Para Daniela de Cássia Pinto, coach do Instituto Brasileiro de Coaching (IBC), os primeiros e mais importantes passos do processo de coaching para mulheres com deficiência encararem o mercado de trabalho com mais segurança são a aceitação das características e limitações do próprio corpo. "A partir daí é necessário trabalhar fortemente o despertar motivado de suas habilidades, competências e de seus sonhos. É assim que surge o planejamento, o foco, a determinação e ousadia".

Falando em ousadia, às vezes ela pode acontecer em dose dupla. Adriana e Mila Poci Cabral, de 50 e 47 anos, respectivamente, são irmãs empreendedoras que trouxeram ao Brasil um ramo de negócio no qual ninguém havia investido ainda: as miniaturas de móveis, utensílios e tudo o mais para uma casa.

"Criamos a Casinha Pequenina quando não havia Lei de Cotas, há 23 anos. Era época de procurar emprego, as empresas barravam porque éramos anãs, então, optamos por abrir o quiosque no Shopping Eldorado, que depois evoluiu para uma loja. Meu pai era publicitário, minha mãe é decoradora: decidimos fazer um coletivo e investir naquilo que combinava muito com a gente", conta Adriana Poci Cabral.

Há cinco meses elas abriram uma filial na Granja Viana, onde sempre moraram. Antes de se tornarem donas do próprio nariz, ambas pensavam em seguir carreira artística: Adriana estudou artes plásticas e Mila fez teatro. "O mercado, que é cruel, nos fez mudar de ideia. Eu ia continuar fazendo papel de ajudante de Papai Noel e duende da floresta e não era isso que queria. Na época não tinha tanta abertura, hoje tem mais", diz Mila.

> Para mim a essência é o que a gente é. A pior deficiência é uma pessoa vazia, pouco inteligente no sentido de não ter sensibilidade, de ser pobre de espírito

**Myla Rzezak**

**Formação**
Medicina Veterinária

**Idade**
45 anos

**Tem**
Esclerose múltipla

**Convive com a deficiência**
Desde os 25 anos

**Ama**
Filmes, música, cães e gatos

**Fez e aconteceu**
Estabeleceu uma nova relação com os primos e com os próprios clientes, que se tornaram verdadeiros amigos. Atende os bichinhos sentada no chão

As duas são donas de excelente humor. Filhas de pais primos de primeiro grau, dizem que foi complicado encarar a realidade de não crescer quando estavam na pré-adolescência. "O médico recomendou o processo de alongamento, mas somos contra", conta Adriana. Segundo Mila, seriam pelo menos quatro cirurgias: "Uma em cada joelho e uma em cada lado da bacia. Eu ia ficar mais ou menos um ano internada em um hospital do outro lado do mundo, em Pittsburgh. Num prolongamento de osso, a pessoa que tem 1,30m vai ficar com 1,40m, no máximo. Vai continuar sofrendo bullying e vai continuar com os problemas que a sociedade impõe. Dissemos 'não'".

Mila faz palestras há seis anos em escolas e entidades de classe. Antes era sobre autoestima, a atual é sobre o humor. "É minha favorita. O humor é uma saída para as dificuldades diárias, um pronto-socorro emocional".

### A RESSIGNIFICAÇÃO DE SI MESMA

Duas de nossas personagens conheceram a vida sem deficiência física até a fase adulta. Suzete Yazaki Yamashiro, de 44 anos, e Myla Rzezak, de 45 anos, respectivamente dentista e veterinária, testemunharam, pouco a pouco, uma nova realidade se estabelecer.

Suzete, que hoje trabalha na indústria farmacêutica, perdeu o braço esquerdo para um tumor ósseo chamado osteossarcoma, quase 10 anos atrás. Tinha acabado de ter a filha, Stela. "Foi um processo gradual, o médico foi me preparando. Em princípio eu não tiraria o braço, mas a primeira cirurgia foi bem complicada

> Mais do que preconceito, há descaso, o que é ainda pior. Nos ônibus, os elevadores para cadeirantes estão sempre quebrados. Aqui no prédio, que é novo, fizeram a vaga de cadeirante na parte descoberta, longe do elevador

– durou 12 horas – e eu perdi o movimento do braço. Fiz quimioterapia, tive muita infecção, passei muito mal".

A amputação, segundo ela própria, foi a melhor decisão que tomou. "Eu não costumo sofrer mais do que uma ou duas semanas depois de tomar uma decisão. Acho que a vida tem que seguir. Depois disso, eu tirei carta de motorista e pude começar os tratamentos de reabilitação".

Foi quando Yamashiro conheceu a AACD e se engajou no esporte. Ela faz nado sincronizado e natação. "Todo mundo que perde uma parte do corpo, seja uma mama, seja uma perna, um braço, vive um luto, mas isso passa. O que não pode é ficar em luto para sempre. Hoje está tudo bem resolvido para mim".

O quadro psicológico mais comum apresentado por pessoas que adquirem uma deficiência envolve vários estágios. Segundo o psicólogo e psicanalista Emilio Figueira, autor de quase 50 livros (entre eles, *Caminhando em Silêncio – Uma introdução à trajetória da pessoa com deficiência na história do Brasil*), "A pessoa passa pelo choque, luto e pela negação. Raiva, depressão e defesa são ainda outras fases. Nessa última, que gera hostilidade, algumas podem permanecer indefinidamente, enquanto outras, numa defesa considerada saudável, somam esforços para enfrentar e buscar alternativas para contornar as barreiras".

Myla Rzezak faz isso o tempo todo. Inclusive indo para o chão: é assim que a veterinária atende seus ilustres clientes. "Eu deito no chão com os gatos e os cachorros. Na hora em que estou atendendo o bicho, eu só ligo para ele, pouco me importo com o lugar!".

**Larissa do Nascimento**

**Formação**
Estudante de Administração de Empresas

**Idade**
20 anos

**Tem**
Paraplegia

**Convive com a deficiência**
Desde os 9 anos

**Ama**
Nadar

**Fez e aconteceu**
Participa de competições oficiais de natação pela AACD dentro e fora do Brasil. Já ganhou 100 medalhas, sendo 83 de ouro.

Eu financiei um apartamento quando eu tinha 17 anos, mas por enquanto moro com a minha mãe, que me ajuda muito. Faço de tudo hoje: limpo a casa, cozinho e não pretendo trancar a faculdade. Estou muito ansiosa para o parto, para ver o rostinho!

## NOSSA CAPA

É urgente desconstruir o mito da incapacidade e renovar os valores que tangem à inclusão e ao respeito à mulher com deficiência

## Faça parte desta campanha. Use:

## *#SomosTodasProtagonistas*

Ela descobriu, aos 25 anos, que tinha esclerose múltipla. Os sintomas apareceram aos 18 anos, mas ninguém identificou sua nova condição. Foi apenas em Nova York, onde foi fazer um estágio, que se viu sem forças até para segurar um copo e profissionais locais deram a notícia.

"Eu achava que eles estavam malucos. Que era tudo coisa da minha cabeça, que eu mesma tinha criado isso em mim e que ia conseguir reverter a esclerose. O tempo foi passando e eu tinha muitos sustos. Esse tipo de esclerose é chamado de recorrente-remitente: você tem sintomas e, então, toma corticoide. Entrava em pânico toda vez que a perna começava a formigar."

Myla anda com duas muletas, mas na maioria das vezes, de cadeira de rodas. Sente tontura e, embora fraco, tem o movimento das pernas. "Eu não preciso mais lutar contra isso. Procurei várias terapias alternativas para eu me sentir mais tranquila, tive fé. Passei por muitas coisas", relembra. Segundo ela, o processo de aceitação foi muito longo. "Uns 11 anos, no total. Mas hoje eu estou em paz. Consigo fazer tudo, dirijo, pego sozinha a cadeira no porta-malas, coloco de volta...".

O sorriso de Myla, se não resolve tudo, esmaece os problemas. Muito receptiva e alegre, é recorrente ouvir que não prestam atenção à sua deficiência. "Nossa capacidade profissional e intelectual independe disso. Por causa da minha simpatia, dizem que nem reparam!". A gente acredita.

### O TEMPO NÃO PARA, A MUDANÇA URGE

Larissa do Nascimento tem 20 anos e cursa o primeiro semestre da faculdade de Administração de Empresas. E espera, há seis meses, por Mirela, sua primeira filha.

"O tiro entrou pelas costas, atingiu a vértebra T9 e saiu do lado. Eu tive uma lesão medular T9, o que significa paralisia total das pernas. O rapaz que me baleou tinha 15 anos, foi preso e lá ficou por apenas três meses. Ele sabe que eu estou na cadeira de rodas por causa dele, mas quando o vejo, ele abaixa a cabeça, não olha para mim."

Aos 9 anos, Larissa foi atingida por uma bala perdida enquanto brincava na rua. "Dois rapazes vieram trocando tiros e um deles me acertou. Mas eu não tenho mágoa porque sei que ele não quis atirar em mim".

Já está acostumada a responder, com naturalidade, que não, a gravidez não é fruto de inseminação artificial. O noivo – que provavelmente, enquanto você lê, caro leitor, já é marido, pois estavam de casório marcado – como ela diz, está "todo bobo".

Há preconceito relacionado à gravidez da mulher com deficiência? Sem dúvida. "A sociedade desencoraja muito, principalmente se elas tiverem deficiência intelectual. Com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão, as pessoas com deficiência, seja qual for, têm garantido o direito de casar ou constituir união estável e exercer direitos sexuais e reprodutivos em igualdade de condições com as demais pessoas", ressalta Eliana Lemos Ozores, da Entre Rodas & Batom.

Um paradigma interessante, porque foi preciso uma lei para garantir o direito de viver um processo que lhe é inerente desde o seu nascimento. Segundo Marcelo Ares, fisiatra e diretor clínico da AACD, a reabilitação sexual da pessoa com deficiência é, primeiro, um trabalho de autoconhecimento. "Depois, são trabalhadas questões para tentar desmistificar essa crença de que a pessoa com deficiência não pode exercer sua sexualidade, ser foco do desejo ou desejar o outro. Na verdade, o que se procura na reabilitação, no geral, é a inclusão em todos os aspectos".

Larissa, além de futura mamãe, é nadadora: aprendeu todas as modalidades em seu processo de reabilitação na AACD. Desde os 14 anos ela participa das competições oficiais, somando 103 medalhas, sendo 50 de ouro. "Eu nado representando a AACD, então, quando tem campeonatos dentro ou fora do Brasil, eu vou. Adoro nadar!".

Se fosse para seguir a toada social, ou, em outras palavras, sujeitar-se ao débil e desvalido papel que relegam às mulheres com deficiência, não teria medalha, não. Nem bebês. Tampouco autoria de livros, presidência de ONGs e curso superior. Ter o próprio negócio, independência, morar sozinha? Relacionamentos amorosos, vida sexual? Nem pensar.

Viver a plenitude da nova condição física, mental ou intelectual – ou daquela com a qual se nasce – é um direito intransferível. É inegociável. É urgente desconstruir o mito da incapacidade e renovar os valores que tangem à inclusão e ao respeito à mulher com deficiência. O empoderamento de cada uma delas só fortalece seu protagonismo diante da vida e, consequentemente, contribui para a melhoria de tudo aquilo que a cerca.

Quer a sociedade aceite e permita, quer não, elas encontram um caminho. Como tão lindamente poetizou Manoe de Barros, "Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras – liberdade caça jeito". D+

**EXCLUSIVO**

Acesse o QR Code ao lado e confira textos exclusivos sobre as personagens, entrevistas com especialistas, mais fotos e making off do ensaio no estúdio.